

Tática foi cansar interrogadores

Foram três horas de leitura exaustiva de um detalhado relatório sobre as atividades do parlamentar e ex-ministro Ricardo Fiúza (PFL-PE) que cansaram os integrantes da CPI. A principal peça de defesa de Fiúza ficou pronta às 6h00 — três horas antes do horário marcado para o início do depoimento. O relatório foi preparado no apartamento funcional que já serviu de cenário para vários acertos sobre o orçamento. Fiúza também levou ao Congresso pilhas de documentos. Para manusear tanto papel, teve a ajuda de um secretário parlamentar e de seu filho mais velho, Ricardo.

Pouco depois de uma hora e meia de discurso, o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), não conseguiu mais esconder seu incômodo. “Temos, até agora, mais de 30 parlamentares inscritos para perguntas”, alertou Passarinho, insinuando a Fiúza que

apressasse sua longa defesa, que incluía atas de reunião da comissão de orçamento — sempre com menções elogiosas ao trabalho do então relator, Ricardo Fiúza.

“Ele está querendo cansar o plenário, mas daqui a pouco esse depoimento vai esquentar”, disse o deputado Aloízio Mercadante (PT-SP), aflito em poder começar a fase de perguntas. Vendo a impaciência do plenário e mesmo do comando da CPI, que se distraía em conversas paralelas, Fiúza concordou em pular partes de seu longo relatório, que falava de 22 anos de atividade parlamentar.

Em alguns momentos, Ricardo Fiúza preferiu falar direto para o público das televisões. Olhando direto para as câmaras de TV instaladas nas galerias, o deputado defendeu a participação do Congresso na elaboração do orçamento. “Isso é uma casa sagrada”, insitiu.